



COLEÇÃO
E-BOOK DA
PARENTALIDADE

TEMA 5

O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL E O COMPORTAMENTO DA CRIANÇA

LIDANDO COM OS AFETOS (EMOÇÕES E SENTIMENTOS) DENTRO DE CASA



**Idealizadoras PPI
e Coordenação**

Monica C Miranda
Carolina Toledo Piza

**Responsável pelo
Programa Parentalidade**

Adriana Amaral

Equipe PPI

Daniele Pereira De Souza
Juliana C. N. Ferreira
Larissa Salustiano E. Pimenta
Lucilene Soares G De Oliveira
Maria Cristina A. C. R. Oliveira
Nelma Assis
Renata Trefiglio Mendes Gomes
Tais Ciboto

**Equipe
Prompt Filmes**
Bianca Ballarin
Francisco Santos

**Projeto Gráfico
e Diagramação**
Lygia Pecora

Ilustrações
Lygia Pecora e
Masastarus @
Elements Envato

SUMÁRIO

4	Aquecendo a Discussão
6	Afeto, Emoção e Sentimento
7	Quando Começamos a Nos Desenvolver Emocionalmente ?
9	Gentileza Gera Gentileza!
10	De Quais Emoções Estamos Falando?
11	Como as Emoções Se Manifestam?
15	Quais os Benefícios e Importância de Investirmos nas Habilidades Emocionais Para as Crianças?
16	Não Vamos Dificultar! Ajudando Crianças a Desenvolverem Autoestima e Autoconfiança
19	Emoção e Comportamento Qual A Relação?
22	A Importância dos Limites
26	Perfis Para Seguir no Instagram
27	Biblioteca da Família
28	Sobre Nós

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

O Desenvolvimento emocional e o comportamento da criança [livro eletrônico] : lidando com os afetos, sentimento e emoções dentro de casa / [idealizadoras PPI e coordenação Monica C Miranda, Carolina Toledo Piza ; responsável pelo Programa Parentalidade Adriana Amaral] -- São Paulo : Projeto pela Primeira Infância, 2021. -- (Programa Parentalidade ; 5) PDF

Bibliografia.
ISBN 978-65-995693-4-0

1. Afeto (Psicologia) 2. Crianças - Desenvolvimento 3. Emoções - Aspectos psicológicos 4. Parentalidade 5. Psicologia do desenvolvimento 6. Sentimentos - Aspectos psicológicos I. Miranda, Monica C. II. Piza, Carolina Toledo. III. Amaral, Adriana. IV. Série.

21-75882 CDD-155.646

Índices para catálogo sistemático:

1. Parentalidade : Psicologia 155.646

AQUECENDO A DISCUSSÃO



Para iniciar essa leitura convidamos você a acessar sua memória a viajar no tempo. Desconecte-se um pouco da agitação do dia a dia e resgate alguma cena prazerosa de quando era criança. Um “colinho” gostoso, uma comida saborosa, uma brincadeira que você adorava... Deixe a imaginação fluir e note qual a sensação que surge. Como você se sente? Geralmente situações prazerosas trazem sensações boas, de bem estar e remetem a afetos, sentimentos e emoções agradáveis, como a alegria, a amorosidade. Essas são mais facilmente identificadas, por exemplo quando uma criança sorri, se mostrando feliz, animada, acolhida, ou se divertindo. No entanto, nem sempre é assim. Quando retomamos essa viagem do tempo, certamente também surgem lembranças de situações desagradáveis, que nos deixaram inseguros, com medo, irritados, ou tristes. Todos nós já nos sentimos assim em algum momento, mas às vezes conseguimos disfarçar tão bem nossos sentimentos, que nossos pais, colegas ou professores nem percebem!

No geral, nossas emoções surgem de repente, em milésimos de segundos, mas você já se perguntou como e quando nossa vida afetiva, as emoções e sentimentos começam a se desenvolver? Além disso, como é que elas vão se moldando? Por que é que alguns conseguem expressar e reconhecer isso melhor, enquanto outras crianças (e até adultos) muitas vezes tem dificuldades de contar o que estão sentindo?



Termos como “emocional”, socioemocional”, ou simplesmente “social”, têm sido cada vez mais associados à educação, e principalmente na primeira infância, e ao que chamamos de “habilidades para o século XXI”. Essas são habilidades valorizadas, fundamentais para compartilharmos um mundo mais humano e com equidade social. Veremos mais a respeito disso no ebook sobre os “Caminhos da Aprendizagem”. Portanto, neste volume vamos explorar o instigante mundo dos afetos, sentimentos e emoções, que é mais um importante pilar do desenvolvimento humano. Aprender a lidar com nossas emoções é essencial para a nossa vida e é importante que os adultos de referência conheçam mais sobre como se dão estes processos, para que possam auxiliar as crianças a desenvolver essa “linguagem” desde cedo.

AFETO, EMOÇÃO E SENTIMENTO

VOCÊ SABIA QUE AFETO, EMOÇÃO E
SENTIMENTO NÃO SÃO A MESMA COISA?



AFETO OU AFETIVIDADE

Conjunto de fenômenos que se manifestam sob a forma de emoções e sentimentos, acompanhada sempre de dor ou prazer, satisfação ou insatisfação. O afeto está relacionado aos vínculos afetivos que são construídos na infância e se modificam ao longo da vida.



EMOÇÃO

Diz respeito a uma reação interna, biológica, em geral breve, instintiva e involuntária, que ocorre no corpo em resposta a algum evento específico. Diante dessas reações emocionais, ocorrem alterações na mente (ligadas ao sentimento) e no comportamento da pessoa, como veremos a seguir.



SENTIMENTOS

Refletem como nos sentimos diante das emoções, e têm relação com os significados das nossas vivências passadas.

São mais duradouras e podemos escondê-los, pois são parte do nosso mundo mental particular. Podemos exemplificar com uma situação na qual estamos extremamente entristecidos e machucados (afetivamente), mas conseguimos disfarçar para que socialmente nossos amigos não percebam.



QUANDO COMEÇAMOS A **NOS DESENVOLVER EMOCIONALMENTE ?**

Como já vimos nos outros e-books, os primeiros anos de vida são fundamentais para o ‘desabrochar’ do nosso desenvolvimento cognitivo, comportamental e emocional. Nesse período, o cérebro das crianças está formando importantes conexões que vão ser determinantes e refletirão seu desempenho para sua vida toda.

Apesar do desenvolvimento da nossa expressão afetivo-emocional ser uma habilidade inata (que temos ao nascer), é a partir das relações e experiências que elas se moldam e amadurecem a forma de regular os afetos. Isso depende fortemente do meio no qual as crianças estão inseridas, do acolhimento e da interação com os cuidadores, ou adultos de referência nesses anos iniciais, pois essa relação é fundamental para a sobrevivência física e emocional dos bebês.

Estudos demonstrando a importância dessas relações não são tão novos assim. Já na década de 1950, pesquisadores (um dos mais conhecidos chama-se Bowlby) estudaram a importância da formação desses primeiros vínculos e descreveram teorias sobre o apego, que demonstram que a forma como o cuidador trata o bebê interfere na maneira como ele se desenvolve. Ou seja, um bebê que só recebe cuidados básicos de um cuidador ausente ou pouco disponível, sem uma base acolhedora e segura de afeto (por exemplo: demora para trocar sua fralda suja, deixa o bebê chorando por longos períodos e mantém pouco contato olho no olho), tem maior chance de desenvolver um estilo de apego mais frágil (chamados de inseguro ou evitativo, no qual tem receio em confiar, medo de ser abandonado, e insegurança para explorar o ambiente) e uma saúde mental mais frágil. Em contrapartida, um adulto disponível e atento, que equilibra afeto, presença, e limites com gentileza e firmeza, oferece uma base segura de apego ao bebê (por exemplo: acolhe o bebê com calma, olha no olho e o acalma, narra o que está acontecendo...), que dá a ele maior confiança e proteção para explorar o seu ambiente, formar novos laços, sinalizar suas necessidades e vontades.

Estabelecer esse entrosamento inicial com o bebê leva tempo. São duas pessoas novas se conhecendo, portanto essa troca envolve ter calma, investir em momentos de qualidade e presença que podem ser determinantes para que um bebê se desenvolva num mundo afetivo mais seguro e confiante.

GENTILEZA GERA GENTILEZA!

Você sabia que as crianças, desde pequenas já observam e ‘captam’ exemplos de como os adultos se comportam? Adultos são modelos, estabelecem limites e contornos. As crianças não só nos imitam, mas também percebem nossos desejos, o que esperamos delas, e querem nos agradar. Um pai que fala alto, tende a ter uma criança que fala alto. Da mesma forma, um pai gentil, terá uma criança gentil. Experimente deitar sua cabeça no colo de uma criança bem pequena e veja como ela reage. Desde cedo, a maioria das crianças se mostram acolhedoras e disponíveis para apoiar e ajudar. Coerência entre o que fazemos e o que falamos é fundamental, afinal de contas, nós adultos favorecemos a construção de oportunidades para que as crianças estabeleçam relacionamentos saudáveis, cresçam com autonomia, autoconhecimento, e empatia.



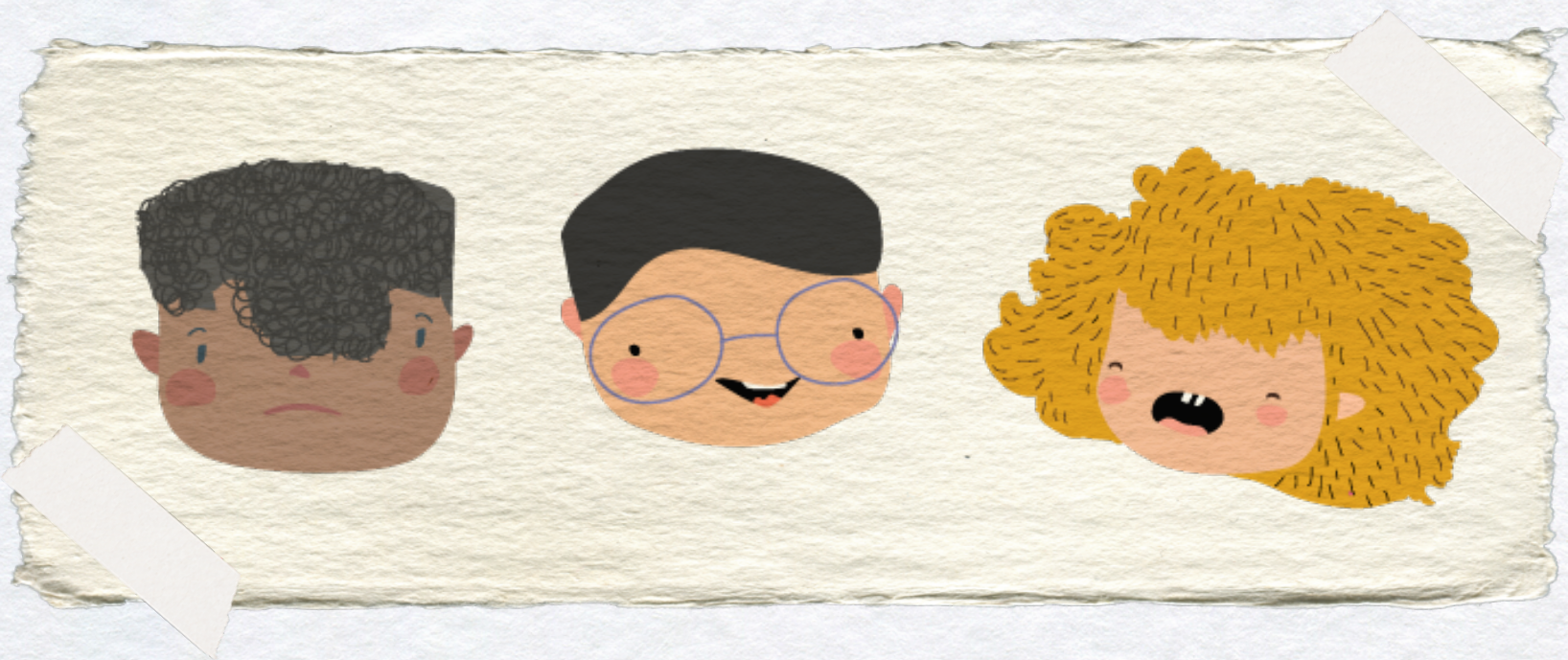
DE QUAIS EMOÇÕES ESTAMOS FALANDO?



COMO AS EMOÇÕES SE MANIFESTAM?

Como vimos acima, as emoções são reações fisiológicas e automáticas do nosso corpo frente a situações que vivenciamos. Elas são comportamentos primitivos do ser humano, como as nossas reações de luta ou fuga, ou aquela sensação de que “se ficar o bicho pega, se correr o bicho come”. Quem nunca se sentiu assim? O mecanismo de luta e fuga é um comportamento tão involuntário e irracional, que também encontramos em quase todos os animais.

Quando as emoções se manifestam, percebemos isso através das reações do nosso corpo. Por exemplo, ao sentir medo uma criança pode apresentar aceleração de batimento cardíaco, um leve tremor e/ou rigidez corporal, e até vontade de fazer xixi. A alegria, por outro lado, pode fazer com que a criança fique agitada, sorria e sinta uma excitação tão grande, que às vezes até usamos imagens e analogias para ajudá-la a entender suas sensações: “você está tão excitada que parece que tem borboletas na sua barriga”. Apesar dos exemplos acima, as emoções se manifestam de diferentes maneiras em cada um, afinal a criança é um ser único. Algumas sensações podem surgir em partes específicas do corpo, outras no corpo todo.



Ainda, é importante lembrar que apesar dessas sensações físicas involuntárias surgirem automaticamente, certamente um bebê ainda não está pronto para compreender tudo isso. Portanto, no início da vida, as emoções são expressas de uma maneira muito mais rudimentar, mas que são fundamentais para a sobrevivência do bebê. É por meio das respostas emocionais e de trocas de afeto que o bebê se aproxima de quem o cuida, sinalizando suas necessidades e vontades.

Quando começamos a falar, nos expressamos melhor, mas nem sempre entendemos o que está se passando no nosso corpo (emoções) e também, muitas vezes, ainda não sabemos descrever o que estamos sentido na mente (ou seja, descrever nossos sentimentos), portanto associamos essas mudanças fisiológicas a um mal estar ou a dor. Por exemplo, diante de situações desconhecidas, algumas crianças podem ficar inseguras e sentir medo, outras podem ficar bravas, ou tristes de se separar dos seus pais, ou das suas figuras de confiança. Nessas situações, como muitas ainda não reconhecem e/ou aprenderam a nomear suas emoções e sentimentos, pode acontecer de dizerem que estão com ‘dor’ de barriga. Ao observarmos os pequenos atentamente, nós adultos é que vamos nomeando e contando para eles o que está acontecendo. Descrevemos os afetos das crianças, acolhemos suas inseguranças e também ajudamos eles a se sentirem confiantes para enfrentar os novos desafios. A depender do caso, também podemos



contar o que nós sentimos. Não existe receita de bolo, e é por meio dessa bonita troca que vamos fortalecendo nossos vínculos, acolhendo a criança e ampliando nossa comunicação com elas.

À medida que amadurece, a criança amplia seu repertório cognitivo e sobretudo o de linguagem, que tornam sua expressão mais diversificada e elaborada. Ao narrar, ajudamos elas a expandirem as suas vivências, desenvolver recursos que o ajudam a se reconhecer, controlar e a ajustar o seu comportamento para conviver e interagir com as pessoas à sua volta. Por isso é importante que pais e cuidadores auxiliem as crianças na identificação das emoções e nas reações comportamentais (leia mais sobre o que é repertório cognitivo no ebook sobre “Crescimento e Desenvolvimento”).

Como já mencionamos, esse processo leva tempo e vale lembrar que a birra e frustração também fazem parte e acontecem com frequência na infância. Compreender e validar que a criança pode ficar triste, sentir raiva diante de uma frustração, mas orientar que nem por isso ela pode agir de forma violenta, é uma maneira de auxiliar nesse processo. Assim, os pequenos vão aprendendo a fazer escolhas e equilibrar emoções, sentimentos e comportamentos. Isso é um processo e lembre-se que, nesse período da primeira infância, a criança ainda não tem maturidade para se controlar o tempo todo. Muitas vezes, pode ser que ela aja com pressa ou impaciência, com dificuldade em “esperar o depois”, até porque ela ainda está desenvolvendo a noção de tempo e aprendendo a tomar decisões. Quando o adulto diz: “amanhã eu brinco mais com você”, pode ser difícil para ela saber quanto tempo isso vai levar e controlar sua ansiedade de querer realizar a sua vontade.

QUAIS OS BENEFÍCIOS E IMPORTÂNCIA DE INVESTIRMOS NAS HABILIDADES EMOCIONAIS PARA AS CRIANÇAS?

O desenvolvimento infantil se dá de uma forma integrada e interdependente, dessa forma, as emoções exercem uma influência determinante nos outros processos cognitivos e intelectuais. Crianças com habilidades emocionais bem desenvolvidas têm maior probabilidade de sucesso na escola, em casa e na vida adulta. Também tendem a se tornar mais confiantes e seguras de si mesmas, ampliando seus recursos para resolução de problemas complexos, de forma sustentável e saudável. De forma geral, as habilidades emocionais ajudam as crianças a:

**Fazer amigos
e manter
amizades**

**Ganhar
confiança**

**Resolver
conflitos**

**Gerenciar
estresse e
ansiedade**

**Aprender
as normas
sociais**

**Tomar
decisões**

**Resistir à
pressão social
negativa**

**Ganhar
consciência do
que os outros
estão sentindo**

**Reconhecer
as próprias
emoções e as
emoções dos
outros**

**Desenvolver
perseverança e
curiosidade**

**Lidar com a
frustração**

NÃO VAMOS DIFICULTAR!

AJUDANDO CRIANÇAS A DESENVOLVEREM AUTOESTIMA E AUTOCONFIANÇA

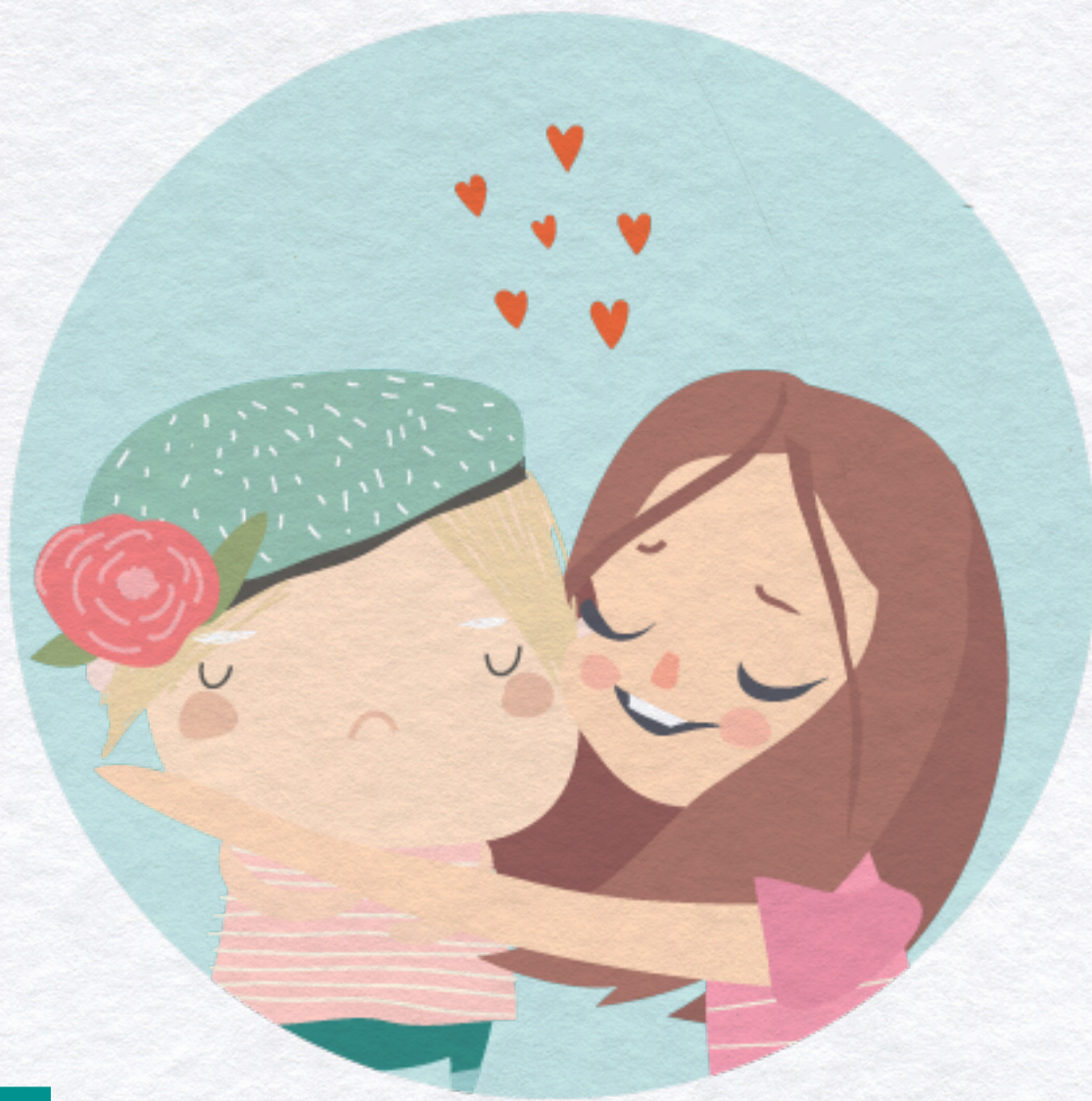
Como será que uma criança se sente ao ouvir falas que reforçam e potencializam o seu mau comportamento? Será que dar bronca, gerar culpa ou fazer ameaças vai ajudar a criança a ser mais “educada”? Estudos têm mostrado que a punição ou ameaça surtem efeitos a curto prazo, uma vez que a criança reage sob medo e pressão, contudo essas estratégias prejudicam a autoestima da criança, e nem sempre lhe ajudam a rever seu comportamento e/ou a se responsabilizar pelos seus atos.

A autoconfiança é um sentimento aprendido, que se desenvolve durante a vida à medida que nos desafiamos, temos experiências positivas e aprendemos com elas, nos superando. Isso acontece desde os primeiros anos de vida, a partir das pequenas descobertas que vão sendo reforçadas e valorizadas pelos adultos de referência. Nessa troca, formam-se relações afetivas positivas e, à medida que a criança percebe que está com um adulto cuidadoso e observador, que equilibra segurança com abertura para o novo, ela se sente mais confiante para explorar seu ambiente. Aos poucos, se arrisca a fazer coisas que ainda não conseguia sozinha, toma novas iniciativas, persiste diante de tentativas fracassadas, visando resolver problemas e assumir uma postura cada vez mais autônoma e independente na vida.

O desenvolvimento afetivo exerce um papel muito importante no desenrolar da autoconfiança, da autoestima e, conseqüentemente, da autonomia e da independência, pois as emoções ajudam a criança a regular e controlar o seu comportamento. Nos primeiros anos de vida, são os adultos que vão auxiliando nesse processo, com acolhimento, firmeza e gentileza. Como também vimos no e-book sobre funções executivas, como as crianças ainda estão em pleno desenvolvimento e não possuem essas habilidades de automonitoramento e resolução de problemas amadurecidas, os adultos é que funcionam como “funções executivas externas”, ajudando as crianças a se organizarem e observarem suas ações. Contudo, nos primeiros anos de vida, já podemos oferecer momentos nos quais a criança realiza pequenas atividades do dia a dia sozinha, como por exemplo, seus au-

tocuidados (vestir-se, pentear-se, alimentar-se, escovar os dentes), ou ainda, momentos nos quais recebe tarefas desafiadoras, como por exemplo, subir em árvores, andar sobre um pequeno obstáculo (sempre com supervisão para evitar riscos), jogar a bola longe, pular corda, realizar trabalhos manuais, etc. Essas situações permitem que a criança crie condições para que, pouco a pouco, conheça aquilo que pode ou não realizar com segurança, tendo como referência suas próprias experiências. Quando sente medo diante de alguma atividade, o fato de sentir-se em um ambiente seguro e com suporte, permite que vá explorando sua própria capacidade de autocontrole/autorregulação emocional, o que lhe ajuda a analisar a situação com base na sua confiança e segurança. Consequentemente, começa a decidir se a situação é arriscada e perigosa ou não, e nós, como adultos atentos, observamos cuidadosamente esse equilíbrio para não sermos superprotetores (cuidando para não resolver por ela) e nem negligentes (cuidando para não colocá-la em risco).

Vale lembrar que as tarefas propostas precisam ser adequadas à idade e aos interesses da criança, dosando adequadamente o desafio à motivação. Por isso é importante que pais/cuidadores e professores conheçam o que esperar em cada fase do desenvolvimento infantil. Quando o desafio está muito além de sua possibilidade atual, corre-se o risco de provocar o efeito contrário, gerando um sentimento de fracasso e incapacidade. Essa frustração diante de uma situação de fracasso pode fazer com que a criança não tenha autoconfiança para realizar novamente aquela atividade no futuro. Dessa forma, ajudar a criança a identificar e controlar as emoções configura-se como uma estratégia poderosa e efetiva para o desenvolvimento da autonomia.



EMOÇÃO E COMPORTAMENTO QUAL A RELAÇÃO?

Quando falamos sobre crianças e a forma como se comportam é comum que venha à tona expressões sobre “bons e maus comportamentos”, como por exemplo, frases que remetem a uma criança “ideal”: “ele(a) é comportado(a) e tão obediente! Ela(e) é boazinha/bonzinho!” Mas afinal, o que esperamos de uma criança na primeira infância? Será que essas falas refletem o que a criança é, ou será que confirmam o que os adultos desejam que ela seja? E quando dizemos para as crianças: “fica quietinho! Por favor fica sentadinha aqui!”, o que esperamos? Quanto tempo será que uma criança de até quatro anos consegue cumprir com essa ordem? Alguns minutos?

O conceito de ‘mau comportamento’ precisa ser repensado, pois às vezes a criança só está sendo criança! Ou está seguindo o que “percebe” ou “acha” que deve ser feito. Confuso? Vamos falar um pouco mais sobre isto a seguir. À medida que as crianças começam a entender suas próprias emoções e as dos outros, elas percebem que seus comportamentos causam reações nos adultos. Isso não significa que



poderão compreender exatamente o que é ‘certo’ ou ‘errado’, e nem o que aquele adulto espera dela. Uma criança pequena, que ainda não consegue verbalizar algum desconforto interno (por exemplo: cansaço, sono, dor, irritação, tristeza, medo, etc.), geralmente expressa isso por intermédio do seu corpo: chora, se mexe, e manifesta maior inquietação, ou às vezes irritação, pois ainda não consegue expressar verbalmente o seu desconforto. Tais comportamentos tendem a diminuir com a idade, à medida que a criança aprimora seu repertório emocional, cognitivo-comportamental e de linguagem (por isso reforçamos tanto a importância de conhecer o desenvolvimento de forma integral. Tudo está inter-relacionado!).

O que queremos dizer é que a criança vai moldando ou ajustando seu comportamento à partir da reação dos adultos. Desde muito cedo a criança percebe o que ‘funcionou’ e o que precisa mudar. Essa interpretação do que é ‘certo’ ou ‘errado’ vai se formando à medida que a criança adquire maturidade cognitiva, pois é por meio de novas experiências que ela vai aprendendo a agir no mundo. Por exemplo, uma queixa comum de pais e professores que convivem com crianças na primeira infância são as mordidas. As mordidas são formas de expressão das emoções, e podem representar tanto alegria quanto frustração. Não é raro observar casos de crianças que mordem, pois recebem ‘mordidas carinhosas’ dos adultos, como uma forma de expressar afeto. As crianças ainda estão moldando seus comportamentos, portanto é importante que possamos observar o que justifica (ou pode estar ‘por trás’) dos comportamentos das crianças.





A IMPORTÂNCIA DOS LIMITES

O que são 'limites'? Como podemos estabelecê-los com gentileza e firmeza, sem tirar a liberdade da criança, mas sim, dando autonomia e segurança, respeitando cada fase do desenvolvimento infantil? Estabelecer limites para as crianças também pode ser compreendido como disciplina, e deve começar desde cedo na educação.

Como falamos anteriormente, é importante compreender o que está 'por trás' do comportamento da criança, mas isso não quer dizer que o adulto observador deva analisar o comportamento de forma permissiva, e simplesmente aceitar e atender a tudo o que a criança deseja. Limites e regras são essenciais! É por meio dos

limites que a criança vai modulando o seu comportamento. Como já mencionamos, nós adultos, desde cedo, podemos ir ‘narrando’ para a criança o que pode e o que não pode. Cabe ao adulto orientar e oferecer modelos e diretrizes, já que a criança não sabe o que é esperado dela. Isso pode ser feito de uma forma leve e divertida, para que ela compreenda. Como vimos no [ebook de linguagem](#), também podemos recorrer aos contos de fadas e contação de histórias como uma forma complementar e lúdica, para trazer exemplos e reflexão às crianças.



Uma queixa comum aos pais e professores é que o comportamento da criança é diferente em casa e na escola. Muitas vezes isso acontece e é normal! Os tipos de interações sociais, as emoções que se manifestam e as oportunidades que as crianças têm para se desenvolver, são diferentes nesses dois contextos. A escola é um ambiente que segue uma rotina estruturada e organizada, no qual a criança tem oportunidade, por exemplo, de observar outras crianças e assim aprender com seus pares. O uso da rotina é uma estratégia eficaz

para que ela vá criando um ritmo, e estabeleça limites. Isso contribui fortemente para que as crianças também aprendam a lidar com as suas emoções. Quando o ambiente é organizado e algumas ações são previsíveis, a criança sabe o que estão esperando dela, o que tem que fazer, e assim tem mais facilidade para lidar com a frustração.

COMO OS PAIS E RESPONSÁVEIS PODEM PROMOVER UM DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL SAUDÁVEL?

Quando uma criança chora ou faz birra, será que conseguimos nos colocar no lugar dela e imaginar o que estão sentindo? É importante lembrar que a forma como nos sentimos interfere diretamente na forma como nos comportamos. Compreender esse processo é essencial para contribuir para o desenvolvimento saudável das crianças. Esse acolhimento e normalização da manifestação emocional contribui para a sensação de segurança e adaptação das crianças.

Ao longo desse volume falamos muito sobre “os ingredientes” que ajudarão a criança no desenvolvimento e formação da sua personalidade e das escolhas futuras. Porém, sabemos que ser pai, mãe ou cuidador também não é uma tarefa fácil. Por vezes o desejo de que houvesse algum tipo de “manual de como fazer” passa pela cabeça, são tantas dúvidas e desafios que aparecem que geram cobranças e culpas nos adultos. A maior referência costuma ser a da nossa própria educação, que com certeza teve aprendizados e pontos positivos, mas que nem sempre queremos seguir tudo à risca.

Refletir sobre nosso padrão de parentalidade também é fundamental. Por isso, destacamos a seguir alguns exemplos de cuidados inadequados que interferem no bom desenvolvimento emocional da criança:



Pais com dificuldades para dar limites, que pode gerar na criança uma incapacidade para lidar com as frustrações (dificuldade para aceitar “não”, chorar quando não tem o que quer, etc.).

Pais muito punitivos que podem criar na criança a insegurança e sentimentos de ansiedade e de culpa, desproporcionais às situações. Possivelmente isso pode levá-la a desenvolver uma “timidez” excessiva, ao comportamento de mentir ou a agressividade.



Pais muito ansiosos que têm dificuldade em lidar com incertezas ou imprevistos, tendem a antecipar as necessidades da criança, e com isso criam estados de tensão que desorganizam a criança, comprometem o desenvolvimento de uma autonomia positiva e da regulação da ansiedade.

Em contrapartida, como já discutimos, pais acolhedores e contínuos que conseguem equilibrar liberdade e limites de acordo com o que requer sua criança e que oferecem um ambiente seguro, com oportunidades de expressão das emoções e que estimule a autonomia, tendem a promover situações de diálogo, bem-estar e satisfação. Isso vai sendo dosado à medida que a criança se desenvolve, pois nem sempre duas crianças em uma mesma família precisam dos mesmos limites. Alterações comportamentais como, por exemplo, a agressividade, a birra, ou o egoísmo, podem ser indícios de dificuldades na autorregulação emocional da criança e por isso requerem atenção.

PERFIS PARA SEGUIR NO INSTAGRAM



@projetopelaprimeirainfancia

Perfil do Nosso Projeto com conteúdos sobre Desenvolvimento Infantil



@institutoayrtonsenna

Organização Social que acredita no desenvolvimento integral da criança com foco em pesquisas e projetos em educação socioemocional



@disciplinapositivabrasil

perfil da referência no assunto no Brasil, Bete P. Rodrigues com dicas práticas para famílias



@portal_lunetas

Conteúdo de qualidade voltado para múltiplos olhares sobre as múltiplas infâncias



@fundacaomariacecilia

Organização que tem como foco desenvolver a criança para desenvolver a sociedade por meio de relevantes parcerias científicas e educacionais

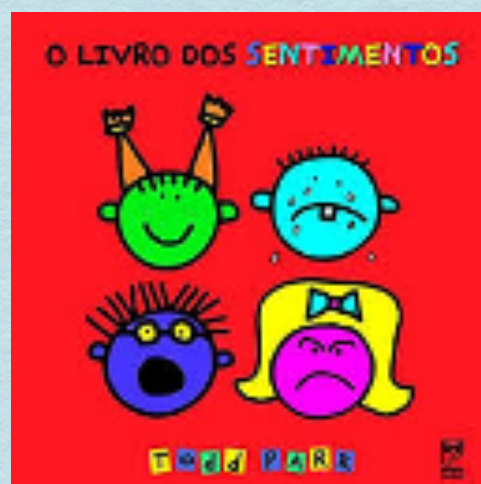
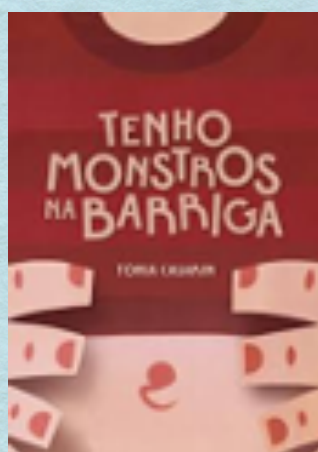


@blockos.tv

Série de entretenimento socioemocional para a primeira infância

BIBLIOTECA DA FAMÍLIA

O livros infantis, com linguagem poética e simbólica, ajudam os pais a compreenderem essa fase tão única e importante da vida que é a Primeira Infância. Elaboramos uma sessão extra, com dicas de leitura para a parentalidade.



SOBRE NÓS

O Projeto Pela Primeira Infância (PPI) é composto por um conjunto de ações que integram pesquisa e formação continuada de profissionais envolvidos com a rede da Educação Infantil. É baseado em um modelo teórico que preconiza a intervenção precoce e visa prevenir a ocorrência de problemas de linguagem, ou outras dificuldades no desenvolvimento da criança, minimizando os possíveis impactos no processo de alfabetização e aprendizagem. De forma importante, o modelo também enfatiza as especificidades do desenvolvimento integral dessa faixa etária. O PPI pretende ampliar o conhecimento de todos que lidam com bebês e crianças pequenas nessa fundamental fase da primeira infância. Temos por objetivo criar diálogos e aprofundar reflexões acerca das bases do desenvolvimento cognitivo, socioafetivo e comportamental da criança.

A equipe PPI é composta por profissionais multidisciplinares, da educação e saúde, apaixonados pela temática da primeira infância. Desenvolvemos essa produção de acordo com nossos valores, que primam por um material de qualidade, estruturado e com bases científicas, fortalecendo o intenso diálogo com todos aqueles envolvidos na rede de apoio à criança na primeira infância (famílias, comunidades, profissionais da educação e da saúde). Desta forma, é com muita alegria que apresentamos essa série de materiais denominada 'PARENTALIDADE'. Esperamos que possam desfrutar dessa produção e que tenham uma proveitosa leitura!

NOS ACOMPANHE ONLINE

 www.projetoprimeirainfancia.com.br

 @projetoapelaprimeirainfancia

